

DISCURSO DE PARANINFO

(Na solenidade de colação de grau dos bacharéis de 1960, realizada em 20 de dezembro desse ano, o paraninfo dos graduandos, Professor José Rodrigues Vieira Netto, catedrático de Direito Civil, proferiu a seguinte oração):

"Reitor Magnífico e Professor Flávio Suplicy de Lacerda.

Eminente Diretor e Patrono Desembargador Ernani Guarita Cartaxo.

Eméritos Professores Homenageados Athos Morais de Castro Veloso e Hostílio Cézar de Souza Araújo.

Ilustres Professores
Autoridades, Senhoras e Senhores.

Meus jovens Bacharéis, meus Afilhados.

E QUINDI USCIMMO A RIVEDER LE STELLE

Sói o discurso do Paraninfo, com freqüência, deslustrar a festa da formatura — porque, escorrendo horas a fio, para a crescente estafa e o enervamento dos obrigados circunstantes, — nem se apercebe que é desatendido — tolerado pela dignidade do instante e

para que se cumpram as tradições.

E assim, maçudo, enorme, eruditão, cheio de ouropéis, não resta, no reconfôrto da última página, senão como da passagem do Vento, que espalhou poeira e ruído. A reversão ao pó de que falava o Padre Vieira.

Ao escolherdes o Professor recente que teve, na vossa, a sua primeira turma, pareceu-me que lancháveis um estranho desafio. Aceitei-o e romperei a tradição.

Creio que, de mim, esperastes deixasse lá fora, como indesejáveis, — a autoridade vitalícia e o formalismo da eloquência vazia, — dois vícios que sempre despedi de minha companhia.

E que fôsse êste discurso, assim como uma derradeira conversa de Amigos, última canção de Comparsa que, jovialmente, se despedem — trocando cuidados, conselhos e promessas — e portanto têm pressa no dizer e no partir.

Aqui estou para essa alegre despedida; porém, a lealdade do Amigo, a fidelidade do Guia não permitem palavras enganosas.

Ordenam que vos previna dos perigos impendentes, que mostre os rumos e avise das distâncias, — uma vez mais insista na conduta que tereis, fugindo às ilusórias tentações e aos esconsos atalhos que levam ao perdimento; predispondo o combate que se travará, primeiro, nas vossas consciências, antes que tomeis o partido certo e a posição mais justa.

Não tenho venerável autoridade que imprima na vossa memória essas curtas recomendações. Mas insisto que a coragem, a iniciativa, a discreção, a humildade, a disciplina — não se aprendem na fantasia e no sonho, na vigília da imaginação; porém, vendo, tratando e pelejando.

Ver, tratar e pelejar, eis o que fiz nestes vinte e oito anos, desde que prometi, em igual circunstância, que me conduziria pelos princípios inerentes à Honestidade, no patrocínio do Direito, na execução da Justiça, no ensinamento dos Bons Costumes — sem abandonar a Causa da Humanidade — que nisso se resume o latim que, há pouco, pronunciastes.

Aqui estou, de retorno, e agora apelais para essa mesquinha experiência.

Só vos posso dizer, no final dos quadragésimos, e em antítese ao Florentino, que — nas teimosas andanças e cuidados de minha encantada vocação profissional — procurei uma esquiva JUSTIÇA em todos os círculos infernais, e em todos rebusquei, e nem a esperança perdi e o Amor à Vida e aos

meus Semelhantes — mas, que venho a sair, enfim, a contemplar estrelas, nas alegrias de vossa convivência e no encontro definitivo de meus rumos verdadeiros.

E foi tal o encantamento dêsse encontro com a vossa Juventude, que não resisto à oportunidade desta última lição:—

Vive o Homem uma vez, uma só Vida — embora o seu egoísmo ponha esperança em sobrevivências imateriais.

Sem embargo de suas crenças particulares, deve vivê-la aqui, nas contradições do meio físico e do meio social.

A Vida não pode ser idealizada, concebida, imaginada, “como se fôssem” os Homens e a paisagem.

Deve-sevê-los como são, exatamente no belo e no impuro, no grotesco e no sublime.

Viemos da mais baixa animalidade, para as alturas da Inteligência e do Amor.

Foi uma lenta modificação de Vermes em Heróis, com os necessários regressos e estagnações dos que não conseguiram progredir, dos que não acompanham a atualidade dessa imperceptível transformação. Em verdade vos digo, que é incômodo e perigoso ser Herói, — é estável e nutritiva a posição parasitária dos Vermes.

Vermes e Heróis não se separam em compartimentos estanques, em escaninhos impermeáveis de uma impossível História Natural da Humanidade. O Bem e o Mal não têm extremas; andam juntos e ora são, para deixar de ser.

Todos nós temos um pouco de

cada um, as moléculas do Herói, e as tendências do Verme.

Uns poucos Vermes terminam com a apoteose dos Heróis. Muitos Heróis tiveram o final melancólico de uma desintegração em Vermes.

É essa a Humanidade.

Um lento progredir, uma infinita aspiração, uma contínua luta para as formas mais altas da Liberdade e do Amor, da Convivência e da Segurança.

A História que vos ensinaram nos Colégios foi escrita, no dizer de Georges Bernanos — pelos membros do Instituto, pelos Acadêmicos a quem falta, absolutamente, qualquer senso de humor. Essa História, por seus escribas e fariseus, sempre pôs em relêvo a versão dos vencedores e, à força de repetição e de romance, transforma-se em contos de fadas, com que se alucinam as imaginações juvenis.

Era uma vez,... um guerreiro, um general, um príncipe... e, na base da narrativa, vos impingem a moral dos salteadores e piratas. Pelo menos, incute-se o temor reverencial pelos que "serram de cima"; trata-se de convencer das delícias resignadas de serrar, a um tempo, contra a lei da gravidade e o pó da serradura... que assim sereis exaltados!

Sem dúvida foi justa a formulação de que são os Humildes, verdadeiramente, os bemaventurados — mas não deixeis que essa lição sublime seja desvirtuada a ponto de se traduzir nu'a moral de escravos.

O rádio, o cinema, os livros que se imprimem de encomenda aju-

dam a uma falsa visão panorâmica, a uma inversão de conceitos que resistem à vossa crítica instintiva e influem nos juízos de valor: a exaltação do gangster, a inesgotável fertilidade do revólver do mocinho, a irredutível superioridade do homem que sabe fazer dinheiro.

São êstes os Heróis convencionais; na realidade Vermes agressivos, insaciáveis sanguessugas que apostaram no êxito e no golpe, como se faz uma parada de roleta.

A Humanidade é OUTRA.

Ela marcha devagar, porque marcha sobre a sola dos sapatos. Os pés no chão, lentamente, sob o sol e o vento, a chuva e a poeira, a lama dos séculos — um passo à frente, outro adiante — ela se adianta.

Não há regressões que não sejam transitórias, não há noite soturna ou forte tempestade, que não sejam seguidas da bonança, — das alegrias de u'a nova madrugada.

Ainda, na sugestiva imagem de Bernanos, — ao longo das fileiras, de vez em quando, árdegos, galopam aventureiros, os cavaleiros da fortuna. Rindo e cavalgando, quebram a cabeça na pedra das calçadas. No correr dos séculos, fizaram mil asneiras, escandalosas e brilhantes, que devemos consertar, obscuramente, dia após dia, reparando os claros de nossas fileiras, que êles abandonaram na desfilada e que esmagaram na estrepitosa fuga, — mais rápida ainda que a sua "carga" fulminante e fulminada.

Por causa dêles parece que recuamos, quando se retiram em desordem. Todavia, a Humanidade

marcha, apesar dêsses romanescos contratemplos. Nós continuamos, devagar e sempre.

O vencedor de mil batalhas é o vencido do dia seguinte, e a História prossegue apesar dêle. A estreita e imediata visão dos crápu-las eterniza a sua vitória transeunte. Não faltam filósofos e moralis-tas que justifiquem os processos e repitam e ensinem que a Ordem Dominante sempre foi e será.

A maravilha do Universo é a sua constante transformação.

Pergunta o Padre Vieira, repe-tindo Agostinho, onde estão os Ti-ranos e os Cônsules, Imperadores e Capitães, Dominadores e Heróis? **Nunc omnia pulvis.** Tudo é pó e cinza, e até as pedras morrem, e as inscrições — o último pusilâni-me louvor da sepultura.

A moral de classe pretende eter-nidade. Mas é risível hoje que Ul-piano proclamasse ser a Justiça "a arte de dar a cada um o que é seu"... o que importa em negá-la ao maior número, pois quem nada tem, não há o que pedir, — direi-to ou coisa alguma se permite que reclame.

Isso — já foi, não é mais e no entanto se repete.

Naquele tempo, heróis dessa or-dem de coisas, qualificavam-se Alexandres e Pompeus, Cézares, Augustos, Cipões e Felipes. Suas estátuas de glória fundiram-se no ouro das pilhagens, no fogo da corrupção, no óleo dos estupros, — elevaram-se sôbre as hecatombes humanas. A plebe não tinha nada, senão a honra de aclamá-los de longe, para que o seu cheiro não ofendesse as narinas dos Heróis. Quando as coisas ficavam ruins,

ensinavam-na que o seu Voto era a fonte do Poder — e ela, "orgu-lhosa dêsses atributos, continuava coçando a sua sarna, nas arqui-bancadas das arenas", resmungan-do em vários tons por mais pão ou mais circo. A fonte do Poder era o Escravo. Mas a História não fala de Spartacus e de uma re-volução de Escravos, — de sua agonia e da infâmia de uma cruz romana, porque pleiteara e com-batera para que o Homem e a Mu-lher fôssem igualizados a outros homens e mulheres.

Façanhudos barões e cavalos de renome foram os próximos Heróis. Seus pretextos sempre foram No-bras, sua Causa a mais justa de tôdas. Jamais esqueceram, de pas-sagem, — de encher as arcas de dobrões e ducados, de arredon-dar os territórios, — por via das dúvidas reforçar o seu poder ma-terial, embora desdenhassem as coisas dêste Mundo. A História nem registra as guerras campo-nesas, as revoluções dos humildes que não se negavam pagar dízi-mos a Deus, porém haviam pon-derado a sua condição de homens livres, protestavam contra o esbu-lho das terras e da herança, su-plicavam um pouco de lenha, o direito de caça, a diminuição dos impostos escorchantes.

A mesma História eternizou heróis de capa e espada, rendas d'Alençon, sangue e veludo, plu-mas ao vento e botas à espanho-la; as baionetas de Frederico, a Velha Guarda do Imperador. Nin-guém jamais guardou o nome da mulher que atirou a primeira pe-dra à Bastilha; olvidou-se, no tu-mulco da Revolução, a Conspira-ção dos Iguais, a apóstrofe de Ba-beuf ao Tribunal: "Eu, que sou

mais livre que todos os homens, porque estou carregado de grijhões"!

Permiti que evidencie, na civilização industrial, a mecanização do Herói. Ele é o play-boy das curras e do rock; o milionário desocupado; a juventude das tropas S.S.; é o piloto atômico de Hiroshima e Nagasaki; Mister América, o Capitão Marvel, — tódas as inefáveis, irremissíveis burrices de uma imprensa milionária que corrompe os costumes e ensina a violência; que teme a Censura no bôlso e arranja mandados de segurança, em nome da Liberdade de Imprensa.

E por que essa espécie de imprensa, o rádio, o cinema, o jornal, a televisão não se inspiram no heroísmo da mocidade das escolas; no engraxate que aprendeu a ler num curso noturno; na anônima rotina do operário; na investigação em laboratórios, na dedicação do mestre-escola, na vida do homem comum — e na enxada do campônio, e na pena dos poetas, na criação do artista e no gênio da ciência?

Vide a síntese daqueles Heróis desde Nero até um certo Hitler: constatareis que trazem dentro de si um princípio de destruição — a própria e a dos outros.

É urgente a revisão desses valores.

Disse Monteiro Lobato que somos uma civilização de flôres e de estérco. Umas raras flôres de luxo, pretenciosas e esquisitas orquídeas que se adubam no suor da Humanidade. Todos nós somos adubo. A elas, às orquídeas esquisitas, a glória de resplandecerem; a nós, a honra de fornecer o oxigênio de nosso sangue, para que

elas possam, livremente, desprender o carbono de seus vícios.

Em minhas aulas, nunca fiz praça de meus próprios ideais. Limitei-me com humilde critério científico a explicar-vos como eram a estrutura e o funcionamento dêsse direito privado — que é a fonte das injustiças sociais.

Agora, como no poema de Whitmann, senti reclinadas no meu ombro as vossas faces pensativas, e reclamáveis conselho e ajuda — as esperanças da jornada — antídoto aos preconceitos e temores, aos prejuízos que vos incutira tôda aquela preordenada e maliciosa orientação.

Como Whitmann, confesso que estou só, ou quase só. "Estou só e faço os outros assim, porque as minhas palavras são armas cheias de perigo; porque desprezo o conformismo e a segurança, a tranquilidade as leis aceitas, para repudiá-las. E sou mais resoluto porque as denunciei e não temo as maiorias e o ridículo", e o inferno para mim só existiria, se estivesse dentro de minha consciência.

Alguém, nesta hora, poderia acusar-me de corromper-vos e declarar que deveis, em nome da Cultura e da Ordem, continuar sendo o adubo colonial com que eternamente se alimentem as flôres monopolistas de nossa tão adiantada Civilização.

Peço a Pablo Neruda — um silêncio cheio de vulcões para acusar os que estrangularam a esperança e colocar o seu nome na cova das desonras.

Vive o Homem uma vez, uma só Vida.

Secularmente, convenceram-no

de que a Vida tem sete círculos de aprofundado sofrimento, e que deve penal cada mortal.

Só os eleitos, Predestinados e Povos, são preservados dêsse sofrimento. Todos os demais podem entrar, devem sair da Vida, deixando no seu limiar tôda a Esperança.

Diz-se também por aí que a profunda desigualdade dos homens separa-os em Escolhidos para os prazeres superiores — e o quase pó dos Inferiores, fadados a irremediável desespêro.

E eu — que venho a dizer-vos que a Humanidade é uma só.

Nenhum Fado sombrio, nenhum atroz designio, qualquer sentença inapelável, nada votou o Homem ao sofrimento, a Multidão à inferioridade.

A ciência desmentiu a veleidade soberba das Raças, a missão civilizadora dos tiranos, a predestinação das Classes Dominantes.

Vaidade és pó e a êle reverterás!

Tu, Rex es caput! Tu, Rei, Dominador, Poderoso, és cabeça e podes ser a estátua. Mas, olhe a cabeça viva para a cabeça defunta e olhe a cabeça para a caveira; e isto fui, e isto sou, e nisto parou a grandeza daquele imenso todo de que, hoje, sou tão pequenina parte?

Assim se pregava, na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses, no ano da graça de 1672. É mau que os Heróis provisórios lembrem-se mais de seu poder e grandeza que dos Vermes e da lousa onde redundarão em poeira.

A Humanidade é Uma. E por ser, vai passando e se renova. O Velho

se desagrega e reverte. O Novo se desenvolve e progride. Aqui está u'a Nova Humanidade em cada geração. E cada uma se esclarece e aprende que é mentira essa inferioridade, que é infâmia essa desigualdade.

Cada vez mais se apercebe e conhece que o poderia dos Tiranos, a predominância dos Grupos, a escravidão dos Povos, reposam sobre tão frágeis construções que também se esboroam e desfazem a um sôpro mais violento de um vendaval de Liberdade!

Assim, cada um se agita e espera a sua vez.

E no pó a carcassa dos Impérios,
Imperious Caesar, dead and
[turn'd to clay
Might stop a hole, to keep the
[wind away
O, that that earth which kept
[the world in awe
Should patch a wall, to expel the
[winter's flaw

Uma nova Humanidade descobriu os seus flagelos: A Exploração e a Guerra. Esta é o processo de manter aquela.

Ei-la que sabe — a Paz é a prosperidade de muitos; o reconhecimento da Igualdade — gera a fraternidade de todos.

A Violência é o clima das Orquídeas que reclamam um adubo de sangue. É o ataque dos Vermes à saúde dos Heróis.

Paz não é o clima dos Covardes, como então vos ensinaram, mas é a integração do Uno no Universo; o desvôlo total pela Unidade. É a continuidade de uma dinâmica, um movimento criador que não prescinde da paciência no trabalho,

da consciência da liberdade, — poderosa certeza de que somos capazes de realizar a felicidade.

**La Ciudad libre de miedo
Multiplicaba sus puertas.**

Numa Ilha Diabética, onde proliferavam os Casinos, os prostíbulos e os latifúndios.. era uma vez... reinava um Ogro sanguinário que, no seu requintado sadismo de Orquídea, cortava os seios das jovens estudantes, castrava e cegava os universitários que tinham imponentes rebeldias.

Por estranho que pareça, o Ogro não era perturbado pelas poderosas Fadas Ocidentais, suas vizinhas, porque a mais poderosa de tôdas elas, que possuía um diadema de cinqüenta estrélas, — tinha um insaciável apetite pelo açúcar da ilha diabética.

**O Ogro tripudiava.
Sangre resbalada gime
Muda canción de serpiente...**

Um dia,... era uma vez... alguns jovens escapos das masmorras, afrontaram o mar e a tempestade, encurralaram-se nas montanhas, segredaram palavras ardentes aos tímidos ouvidos de seus irmãos, que tiravam o açúcar da terra e se alimentavam de terra sem açúcar...

**Verde, que te quiero verde
Verde viento, verdes ramas.
El barco sobre la mar
Y el caballo en la montaña.**

E num outro dia, desceram os jovens daquela serra e afrontaram os esbirros na planície.

**Señores guardias civiles:
Aqui, pasó lo de siempre.
Han muerto cuatro romanos
Y cinco cartagineses.**

E aquêles jovens escandalizaram o Mundo, não porque distribuíssem as terras, e expulsassem os Vermes, "mas porque... puseram meninos no poder..."

**La Ciudad libre de miedo
Multiplicaba sus puertas...**

Êsses meninos, que não sabiam fazer nada, passaram a viver como se já estivessem mortos. Na sua renúncia quase religiosa, é como se não contassem com o dia de amanhã.

Os heróis de cinema, contratados para bombardeá-los, sabotá-los noite e dia, não valem nos seus temores.

**'Oh sangre dura de Ignacio!
'Oh ruiñor de sus venas!**

Sabem que a sua juventude deve fazer tudo. Têm medo de não cumprir sua tarefa. Mas, se estão sózinhos, no quarto escuro de sua inexperiência, é certo que, em volta dêles, como num Presépio, velam os jovens do Mundo.

De vez em quando, na rua, explodem as granadas, requintada mensagem das Orquídeas.

**Y otras muchachas corrían
Perseguidas por sus trenzas
En un aire donde estallan
Rosas de polvora negra...**

Em Babilônia, no cimento armado de seus jardins suspensos, as Orquídeas não querem mais açúcar. Têm nostalgias de um precioso adubo, feito de sangue e suor de juventude!

Há, nos anelos da Humanidade, nas esperanças da Juventude, um ideal de Justiça.

A êsse ideal consagrastes vossas Vidas.

Sem dúvida, há uma técnica pa-

ra pedir Justiça e a nossa pobre ciência é isso que vos ensina.

Essa técnica e essa ciência não são rotina pegajosa, nem metafísica inatingível, segredo de santuário que se resguarda dos olhos mais profanos.

Os sicofantas que não conhecem essa ciência e essa técnica — evolutivas como são as ciências sociais — disfarçam a sua ignorância, quando em mora de explicá-las, ou obrigados a aplicá-las e, assim renderem Justiça e sempre arranjam o bom pretexto de algumas regras misteriosas ou fórmulas essenciais, que dizem desatendidas — para negarem uma coisa tão simples. A Justiça deve ser, quanto possível, a mais direta; a regra de Direito a mais clara e atual, — baseada na realidade vidente — e a fórmula de pedir a sua aplicação acessível e rápida.

A estrutura de nossa vida em sociedade está sofrendo uma extraordinária modificação de que só não se apercebem os retardados e os maliciosos.

A Justiça há de acompanhá-la e de seguí-la, sob pena de ficarem, como ficarão os Juízes e os Juristas, retardados ou maliciosos, no pó da estrada, porque a Humanidade continua nas suas vias de progresso, na transformação de suas relações de convivência, para um alto destino de Fraternidade e de Igualdade, de Amor e de Paz.

Há um Direito Novo a construir, e essa é a nossa Missão.

—
Acostumái-vos a pensar em térmos de maior número.

Há, sempre, um lance à vista

para a consciência do Advogado, do representante da Lei, ou do Juiz. Não deixeis que vos ponham em leilão, seja qual fôr o lance.

Desconfiai da amizade dos poderosos, vencei a natural desconfiança dos humildes.

A pressão é inimiga do vosso trabalho.

Não há vergonha em confessar a nossa ignorância e responder amanhã, o que hoje não sabemos.

Primeiro, estudareis o caso e aprendereis com o cliente todos os detalhes de sua pretensão ou de sua defesa. Depois, ireis pensar na conta de honorários.

Sêde francos com o Juiz, leais para o Colega, destemerosos e altivos com a Autoridade, tolerantes e pacientes com os homens.

Mas não deixeis que a vossa paciência elimine a vossa coragem.

Tirai das derrotas uma experiência, mas não guardais rancor.

Analisaí as vossas vitórias com a crítica de uma necessária modéstia.

Não vos deixeis cair em tentação.

Professor ULYSSES FALCÃO VIEIRA

Meu Pai Querido, Meu Mestre e Meu Amigo.

Quando te fôste êstes jovens mal nasciam. Outros jovens de tua última turma não ouviram o discurso de seu Paraninfo — porque te fôste para sempre.

Tardará muito a nascer, se é que nasce, um Homem como eras.

Hoje venho cumprir a promessa

que te fiz, no silêncio de meu íntimo e constrangido pela tua saudade — de que retomaria os livros que deixaste e a energia que me deste e trabalharia pela noite a dentro, e quando me sentisse forte e suficiente, eu viria render o teu pôsto.

Que não se turbe a alegria dêstes jovens com a honra que te faço, mas é como se, hoje, eu concluisse a tua última tarefa.

Meus jovens Bacharéis.

Os rituais foram cumpridos. Podeis partir. Siga convosco uma canção de Amor. Pablo Neruda:

Darei a fraternidade àquele que
[ninguém conhece
Juntando a força de todos os que
]vivem
Para que a Pátria seja como um
[nascimento.
Alcançai a liberdade que não
[possui o solitário,

Ensinando a acender a bondade
[como um fogo
Na retidão que necessita a árvo-
[re,
Aprendendo a unidade e a dife-
[rença entre os homens.
A dor de alguém desfaz-se na
[vitória de todos,
Mas é preciso dormir em camas
[duras
E construir a realidade como se
[fôsse uma rocha.
Ser inimigo do Mau e o muro
[do frenético
Para ver a claridade no mundo
E a possibilidade de alegria.
Tornar-se indestrutível na cer-
[teza
De que não terminamos em nós.

E QUINDI USCIMMO A RIVEDER
LE STELLE!"